

IMPORTÂNCIA DA LINGUA TUPI-GUARANI

Que idéia fazemos da língua Tupi-Guarani? Há beleza, flexibilidade e elegância numa língua falada por "bárbaros"?

Quem vai responder a estas indagações é o prof. Hilton Federici, ex-professor de Geografia do "Culto à Ciência", autor de vários trabalhos geográficos e históricos, e especialista na "língua dos bugres", de que realizou vários cursos.

No dia 27 de março, na sede da Associação de Engenheiros e Arquitetos de Campinas, sob o patrocínio da Livraria Imaculada, que há nove anos vem patrocinando promoções culturais, sob a direção da profa. Marina Decourt Homem de Melo, o prof. Hilton Federici pronunciou uma palestra perante atento e culto público. O tema foi "A Língua Tupi-Guarani", cujos primeiros cursos foram introduzidos em 1840 por Varnhagen, Visconde de Porto Seguro. Este ilustre historiador, naquela época, já propunha ao Governo Imperial a instituição de cursos de tupi-guarani "porque só através disso poderíamos chegar a conhecer, de fato, a alma desse povo".

"Mas, foi só em 1933 — explicou o prof. Federici — que Plínio Ayrosa deu o 1.º curso de tupi-guarani no Centro do Professorado Paulista, expondo a estrutura e a beleza desta língua. Na época, na verdade, ele teve muitos seguidores. Em 1934, com a criação da Universidade de S. Paulo, USP, foi introduzida na seção de História e Geografia, a cadeira de Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani com três aulas semanais deste idioma. O prof. Federici fez com entusiasmo o Curso, embora muitos de seus colegas e professores não compreendessem o alcance deste aprendizado.

"Não era apenas conhecer a língua, mas por meio dela, chegar à cultura indígena — explicou o prof. Federici. Que o digam Couto de Magalhães, Teodoro Sampaio, Roquette Pinto, Batista Caetano e os próprios Padres Missionários. Há muitas gramáticas, por exemplo, a de Anchieta (1595); a do Padre Luis Figueira (1611); a de Duiz de Montoya (1639), sem contar outras de menor projeção. Famosos são também os dicionários do Padre Luis Figueira; do Padre Montoya, peruano que trabalhou no Paraguai; de Batista Caetano, de Teodoro Sampaio, fontes de que nós valemos ainda hoje.

VOCABULÁRIO E ESTRUTURA

"O vocabulário brasileiro está impregnado de termos indígenas, como: peteca, sapeca, cabóclo, caipira, pindaíba, Tietê, Itau, Butantã, Botucatu, Manti-queira, Guarulhos, Guaratinguetá, Araci, Itacema, Moacir, Itagiba e numerosíssimos outros" — disse o prof. Federici.

Como começou o Romantismo entre nós? Como reação contra o mundo europeu, baseando-se no Indianismo de José de Alencar e de Gonçalves Dias.

E referindo-se ainda à influência do índio, disse o prof. Federici: "Para se avaliar o que foi o índio na sociedade colonial paulista, basta ler de Cassiano Ricardo Leite a sua "Marcha para o Oeste", cap. II, onde ele mostra, abundantemente, o papel do indígena na sociedade paulista da época, e a marcante presença da mulher e da criança indígenas na família.

Quanto à estrutura da língua — prosseguiu o Prof. Federici — sua grande característica é ser do tipo aglutinante. O curioso é que muitas palavras portuguesas foram introduzidas também no tupi-guarani, designando novos objetos, antes estranhos à sua cultura, e novas idéias. Por exemplo, a idéia de "igreja" passou a ser designada pelo índio como "tupanaroga".



Prof. Hilton Federici, autor de vários livros, ex-lente do "Culto à Ciência" e conhecedor da língua Tupi-Guarani

Como em toda a população primitiva — prosseguiu o prof. Federici — os nomes substantivos refletem qualidades intrínsecas dos objetos. Por exemplo, quando o índio usa a palavra "tata" para exprimir "fogo", há um sentido onomatopaico, e a gente parece perceber o crepitar do fogo. A palavra "CAA" encerra a idéia de mata, folha, árvore, mundo vegetal. Daí, "caatinga", "caapora", "capuera", "caaguaçu", etc.

Seus adjetivos eram limitados, expressando as necessidades mínimas de sua cultura. A numeração entre os índios era escassíssima, e a contagem se fazia pelos dedos das mãos. Até o número 4 havia expressões próprias, mas já o 5 (chepô) significava "minha mão".

A conjugação de verbos era pouco diferente da nossa, e as expressões referentes às categorias gramaticais invariáveis também se identificavam com as nossas.

INTERPRETAÇÃO

"O que fascina para o pesquisador ou para aqueles que pouco conhecimento possui desta língua — disse o professor Federici — é o problema da interpretação dos termos. Deverá haver cautela em interpretá-los no que se refere ao processo de grafar por parte dos que falavam outra língua. Ora este processo era correto, ora apresentava variantes, dependendo da cultura da pessoa que registrava o termo. Logo, é necessário haver para isso sólida base linguística e preparo para entender a índole da língua."

"O tupi-guarani é ainda francamente falada no Paraguai e adjacências, e em certas áreas da Amazônia. Mas em nosso mundo super-tecnológico, a língua tupi-guarani vai ser expressão de nada. Mas, para o geógrafo, o historiador, o sociólogo, o linguista é fundamental o conhecimento da língua e da cultura tupi-guarani".

"Um reparo ainda — disse o prof. Federici. O nosso Estado de São Paulo é o que tem a maior nomenclatura indígena na sua Geografia. Nem mesmo a influência da imigração estrangeira alterou este quadro". "E finalizando: "Honra à USP que foi a primeira no Brasil a instituir estudos em nível universitário da língua e da cultura tupi-guarani. Lá está um gigantesco acervo de livros, rigorosamente catalogados e fichados, para os modernos estudiosos das raízes do Brasil".

Correio Popular - 10-IV-1979